

Vimaranense

Redactor principal: Arelino de Sousa.

Os artigos da redacção do jornal não são assignados. Todo o artigo publicado, assignatura de qualquer natureza exprime a opinião particular do seu author, com a qual a redacção pode ou não concordar.

N.º 338

TERÇA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1866

IV ANNO

Guimarães, 2 de abril

Não é verdade que o sr. visconde de Pindella seja sobrinho do conde de Basto. É por certo que o conde de Basto foi tio do sr. visconde, quando ministro do sr. D. Miguel, não pela razão de ser casado em segundas nupcias com a ex.ª sr.ª D. Catharina d'Almada, tia materna do sr. João Pindheiro, mas por mais alta razão— a de quem dá é tio.

Hoje ainda, nem pode dar, não é tio!

É fiquem isto assentado d'uma vez para sempre, e não se volte a dizer que o sr. de Pindella é sobrinho do conde de Basto.

Ora de tal parentesco nunca ninguém se accousou: trazia-se a memoria apenas para admirar como as tendências despoticas do conde de Basto se haviam encarnado no afim, como se fosse consanguineo!

Se na presente era do Senhor o conde de Basto, seria mais liberal, queremos acreditar-o, do que o nosso illustrissimo cavalheiro portuguez.

Esta convicção não é só nossa, é tambem compartilhada pelo decano dos publicistas o sr. Sampaio, que custa ter escripto com a franquesa que o caracteriza a este cavalheiro portuguez, dizendo-lhe que se o sr. D. Miguel de Bragança fora o chefe superior d'este districto não teria feito o que s. ex.ª fazia!

Alludia á leitura d'um officio, que o sr. visconde mandou prohibir que se lo-se por occasião d'uma reunião dos artistas de Braga.

Esta allusão ao sr. D. Miguel, cremol-o, foi inteiramente innocente.

O liberalismo do sr. visconde é porrem tal que o proprio perdente absolutoista era considerado mais liberal do que o sr. João do Proposto!

Este é o facto.

E é pelos factos, que nós arguimos o sr. governador civil, visto s. ex.ª não ter deixado de ser o que era antes—miguellista—retrogrado—absolutista—vingativo e inepto.

Não se julgue porrem, que é para nós peccado, que se não rima, o ter sido miguellista.

Alli, cercado dos verdadeiros cavalheiros portuguezes...

Que festa!... que dia!... que gloria!...

O sr. governador civil não é arguido por ser miguellista, é arguido por ser liberal, e não o ser.

E de duas uma, ou s. ex.ª renegou o seu partido, abandonando os cavalheiros portuguezes, ou não renegou as suas erenças e traz por baixo do laço azul e branco, o azul encarnado da farda de coronel de Mac-donnell!

Isto é que nós queriamos ver decidindo para socego nosso e de todo o partido liberal d'este districto, que comnosco desconfia, duvida e não cre no sr. visconde de Pindella.

Dizem-nos que esquecamos o que foi o sr. João Machado...

Digam-nos porrem ao menos o que é o sr. visconde...

Por enquanto a hujisar pelos factos, para nós e para o partido liberal é s. ex.ª o que era antes de ser o que é.

E não são os liberaes d'este districto miguellistas que o affirmam, quando nós seus arrotos de satisfação dizem com toda a philancia: «O amor é vósso, mas o sancto é n'osso»...

Ora porque o sancto é miguellista é que nós o não queremos para chefe, para funcionario de confiança do sr. D. Luiz I.

Porque o sr. visconde é miguellista renegado, ou falso liberal, é que nós não queremos o seu paternal governo, nem estar sujeitos ás comédias que s. ex.ª manda por ali representar, desvirtuando os principios, forçando a lei e fazendo cousas do arco da velha.

Até que finalmente veio á luz a historia nefanda dos nossos crimes— historia com que a *Gazeta do Minho* ainda va a fazer negaças á curiosidade do paiz, e que ia ficando para as kalendas gregas, se não tomamos a resolução de lh'a arrancar do buxo! Devemos esta fortuna aquella verdade com tres palavras—*infames non infamata*—que fez entrar a beata em ataques epilepticos de furor.

Terna, pois o ceo e a terra! Abi vac a lista dos fabulosos horrores.

Esquecamos a camaradagem d'alguns dias do nosso companheiro e commensal, Miguel Mascarenhas.

masabido que ninguém o chamou— que lhe pagou o seu salario—que nunc se lhe admittiram pasquinada como as que illustram hoje a folha religiosa— que, mal sabia do nosso escriptorio e se apanhou á solta nos lineiros da *Religião e Patria*, começou a atirar-nos com esse bravo, sem que blissemos com elle; sabido isto (desafiando-o a provar o contrario), faz ciegas ouvir as lamurias sentimentaes do nosso bom camarada *l'algunsistas*. Pois não nos faz cargo da delicadisa com que tratamos um forasteiro que nos veio bater á porta e da imprevidencia de lhe não darmos busca as algibeiras, para ver se lhe encontravimos as armas com que nos ataca hoje?!

Não misturemos as cousas serias com as ridiculas; continuemos com a lista dos medonhos crimes.

Vendemos um amigo intimo por algumas horas d'emprego publico. Barato!

Desentramos o quarto, cama e guardanapos de que nos compramos.

Este amigo intimo é o sr. visconde de Pindella. Foi a s. ex.ª que vendemos, e a sua cama e guardanapos que esqui cemos. Lembremos a s. ex.ª a necessidade de fazer baixar as suas cocheiras nova reprehensão; porque a creadagem diz de s. ex.ª cousas que fazem arripiar.

Diz que s. ex.ª é couda que se vende, o que suppe compradores; phariseus embora, em cujas mãos s. ex.ª pára hoje. Dá a entender a mesma creadagem que s. ex.ª está em duvida se nos pedirá ou não a conta da despoza que fizemos em sua casa. Isto é pequeno, chato, plebeu, e provoca respostas que não daremos. É impossivel que s. ex.ª authorisasse isto. Em nome da dignidade de s. ex.ª, podemos gritar a estes pelegos! *«Glacon a sa pluca; creados ás cavalharicas; cá está o amo para tratar dos seus negocios»*.

Depois, quando s. ex.ª se resolver a tratar dos seus negocios e a entrar n'estas questões—o que muito desejariamos—ver-se-ha que, enquanto vivemos em boa paz, houve entre nós multitudine de serviços e favores que deixarão de certo a balança igual. Ver-se-ha mais, que nas causas que inimizaram o empregado publico com s. ex.ª, se houve desaire, não foi para o empregado...

Até lá, repetimos, seria para desejar que s. ex.ª desse menos liberdades á creadagem...

E... acaba aqui a lista dos crimes e horrores. Para isto, confessemos, não valia a pena tanta precaução oratoria, tanto ronco, tanta ameaça. Bem sabemos que é tudo artimanha favorita dos libellistas—famosos que contam com os bons serviços da allusão vaga e perfida, se dão com gente que lh'a não rebate. Se alguém pede que lh'a troquem em factos e provas, estlossam na

vida publica e privada, grunhem e dizem isto.

Depois ainda fallam em confrontos de vida publica e particular! A zombaria é com todo o Guimarães. Equivale ao dito do judeu: «A terra é boa; o povo ediota».

Não vão os ediotas de Guimarães causar-se com as chufas dos espartalhões de Famalicão!

Nos apenas nos rimos.

Diz a *Gazeta do Minho* que só gosta de brigar com decencia no campo do raciocinio. Gostará. O raciocinio é que, talvez por não ser brigante, parece não morrer d'antões pela *Gazeta*. A decencia... n'essa nem fallamos.

Vamos dar as razões que fundamentam a nossa opinião.

A *Gazeta* dizia que o ex-capellão de Porto d'Ave não tinha prestado contas. Respondemos-lhe que sim, e provamos-lhe com um documento insuspeito. Torna a *Gazeta* que o ex-capellão não tinha prestado contas, e tanto não tinha prestado contas, que não entrara com o saldo d'essas contas. Provamos-lhe, com a lei na mão, que a prestação das contas nada tinha com a entrega das sobras e a nossa questão era se o ex-capellão prestara, ou não contas.

E agora que vae calir em cheio o raciocinio da *Gazeta*. Ouçam! «Deixamos-lhe a gloria de desligar o saldo do acto das contas, como cousa inutil e de nenhum effeito. É gloria do doutor Liborio».

E foi-se, sem que ninguém saiba o que pensa a *Gazeta* acerca d'estas endiabradas contas.

Segundo exemplo de decencia e raciocinio. Falla a *Gazeta*: «O *Vimaranense* louva a desobediencia á lei, o insulto á authoridade, o torpe mundanismo do mau clero, o roubo com aspecto hypocrita!»

Vemos surdir d'aqui um dilema impertinente que nós vae escorniar á pobre da *Gazeta*, se o seu raciocinio não acha meio de brigar com o raciocinio de toda a gente. Ahí vae o touro bravo. A desobediencia á lei, o insulto á authoridade, o torpe mundanismo do mau clero, o roubo com, ou sem aspecto hypocrita são crimes gravissimos, previstos e punidos pelo Código Penal. Ou os crimes arguidos se praticaram, ou não. Se sim, quem os apoa é a authority que, tendo d'elles tão claro conhecimento, não persegue taes criminosos e lhes favonça assum a impunidade.

Se não se praticaram e são apenas insultados pela *Gazeta*, Deus se amerceie d'ella! Amen.

Por pouco mais foram parar ao limbo os heroes da *Gazeta do Minho* em Lisboa—vulgo, o *Lucifer*.

Era prudencia porrem as barbas de molho...

Conta-se que os srs. presidente e vice-presidente do partido miguelista de Braga, quando foram a Lisboa com o sr. visconde de Pindella, obtiveram authorisação dos chefes superiores da sua seita para poderem alugar os serviços dos seus partidários á authoridade local.

Conta-se que para se salvar a honra do convento e não haver quebra nos principios, se decidiu ser toda a transacção tratada como entre particulares, aproveitando-se as vantagens a favor do partido.

A proposta que a principio foi considerada por uns demasiado escura, e por outros muito transcendental, foi afinal accete e authorisada vista a segurança, que aquelles cavalheiros portuquezes, na phrase do sr. visconde de Pindella, quando o não era, deram de que poderiam por este meio levar de futuro ao parlamento um numero superior de deputados miguelistas!

A paga ha de ser demorada, mas ficamos desde já, ao menos, sabendo o porque o partido miguelista apoia o sr. visconde de Pindella.

S. ex.^a ha de pagar estes favores todos juntos, e com tanta mais vontade, quanta serve os seus antigos correligionarios, que por forma alguma quer desgostar.

Ficamos pois desde já prevenidos para o ajuste de contas e preveniam-se todos os liberaes.

INTERIOR

Com as solemnidades da semana sancta deram treguas os negocios politicos.

Foi approvada a obra da estrada de Beja a Alcaçer, entre Barrosinha e Alfebre. Está orçada para esta obra a quantia de 4.348.000 rs.

Foi approvada a adjudicação da construcção por empreitada geral, do lance da estrada de Villa Nova de Famalicão á Povoia de Varzim, comprehendido entre a capella do Bom Successo e Portas Fronhas. Esta adjudicação foi conferida por concurso publico ao sr. Manoel Joaquim de Queiroz Carmo e Tamega, pelo preço de 890.000 rs.

Vae proceder-se na cidade do Porto ás precisas terraplanagens e empedramento da parte do ramal da estrada de Valladares a S. Martinho de Villar de Paraiso. Esta obra foi adjudicada por 707.000 rs. ao sr. Manuel Alves Castello.

Morreu o sr. conde da Taipa.

Era cavalheiro de muitos serviços á sua patria, contando de idade perto de 80 annos.

Falleceu tambem na capital a sr.^a marquesa de Niza, mãe do actual sr. marquez de Niza. Tinha de idade 72 annos.

Falla-se em ser elevado a duque de Ficalho o sr. marquez do mesmo titulo e a marquez o sr. conde, filho do venerando familiar dos nossos reis.

CORRESPONDENCIA

A capellania de N. S. do Porto d'Ave

Sr. redactor.—O sr. Constantino Vieira de Castro apparece na *Gazeta de Braga*, n.º 82 com ares de façanhu-do meliciano, vestindo impenetravel armadura de papel pintado, e empunhando uma terrivel espada com a folha de papelão! Para que todos admira-

ção m'o denodo e agilidade d'estrayo campeão (já se vê) de calumniar a sua patria e vilosa, carrega em dois annos a sua abundante bagagem ementiras e trapalhices, ficando ainda um terceiro espravonado na margem esquerda do Ave...

Deixo, sr. redactor, a descripção da festa da immoralidade, e vou immediatamente cortar a sobre-carga aos pobres animaes, para alijar ao logar que merecem os barris de lixo, com ue o sr. Constantino pertendia macur a minha honra. O primeiro barrilha-ma-lhe documento o sr. Constantino é do sr. padre Bernardo Lopes d' Cunha Athaide.

Quando vi as misérias que cotem, tive tentações de mandar-lhe opiar ao lado aquelle celebre appenso a periodico *Independente* n.º 148 de outubro de 1859, acrescentando-lhes aencias declamatorias que o sr. Constantino fazia ao sr. padre Bernardo por esse motivo; o respeito, prem, que tenho pelas cinzas dos mortos foi o que me desvaneceu esta idéa, não outra qualquer consideração, porque não a merecem por motivos alguns. Fique certo d'isto o sr. Constantino, bem como de que a paciencia tem limites e que se a apurarem muito talvez reappareçam essas misérias.

Vamos escangalhar esse... documento. Repito o que já uma vez tive occasião de dizer, face a face, ao sr. padre Bernardo: «Basta ser cousa dita por s. s.^a para conter a rasão da sua falsidade». Como, porem, nem todos que leem a *Gazeta de Braga* conhecem este reverendissimo sr. vou tirar a prova da falsidade do seu atestado das contradicções que se contem no mesmo. Principio por dizer que não se

gastou obra no terreiro novo, pois até os remetti ao sitio, onde se pode apurar a verdade: já está bem patente, e vale mais que os atestados do sr. Constantino. O sr. padre Bernardo, porem, mente, atestando que as pyramides que se contem no terreiro novo foram mandadas fazer pelo meu antecessor; pois duas já as havia e as quatro restantes foram tiradas dos paredões dos escadarios, alterando-se assim o riseo, que ainda hoje accusa a mão atrevida que onsou mutilalo. Atesta tambem o sr. padre Bernardo que se serviu do armario contido dentro do cofre para guardar objectos de valor pertencentes ao sanctuario. Nunca vi mentir tão desaforada e desavergonhadamente, pois mostra, que, não só vira por dentro o dito armario, durante a sua administração, mas até que lhe fallara o bom juizo de o ir ver agora, antes que passasse o tal atestado. É, sr. redactor, tão limitada a capacidade do referido armario, que o sanctuario não possui um só objecto de valor que possa conter-se n'elle; só se o sr. padre Bernardo quer dizer na sua que guardava o armario dentro dos objectos!!!

Parece-me não haver contradicção mais manifesta, e esta contradicção prova tambem claramente contra o que diz o sr. padre Caetano José da Cruz Barros a tal respeito. Agora uma pergunta: isto é maldade ou estupidez? O publico o decidirá.

Por esta occasião não posso furtarme a dar os parabens aos srs. Constantino e padre Bernardo por se haverem dado mutuamente o osculo de paz.

Não sabem quanto estimo esse esquecimento dos antigos odios e injurias: estimo-o ainda mesmo sabendo, que a paz fora feita entre elles para me guerrear, pois conheço-me com forças para aparar os tiros raivosos e traçozeiros d'estes dois honestos varões, e tenho como compensação exuberante

annuão dos ditos varões que tão dignos se tornam um do outro... Descance o sr. padre Bernardo.

Venha outro: o sr. padre Caetano da Cruz Barr-s com o seu atestado. O seu atestado, sr. padre Caetano, se alguma cousa prova, é contra a probidade e zelo de v. s.^a, pois sendo ponto assentado, como é, que apparecera, no sitio e dia já sabidos, a quantia de réis 278.8914, e sendo v. s.^a sabedor de tal acontecimento, guarda segredo quatro annos, sem lhe importar do destino de tal quantia, e só agora vem, bandiado com os meus inimigos, declarar-o?

Não sei, sr. padre Caetano, como v. s.^a possa responder ao seguinte argumento: Ou a applicação de tal dinheiro foi má, e v. s.^a connivente, por não denunciar á auctoridade o apparecimento d'elle, ou bôa a sua applicação, e v. s.^a d'ella sabedor, vindo agora n'esta occasião mentir e caluniar para melhor conseguir seus fins. Escolha dos dous titulos aquelle que melhor lhe agrada, ou defenda-se, podendo.

A tudo mais que contém o seu atestado só direi que metta a mão na sua consciencia e que falle a verdade, ficando na certeza que tem adquirido a reputação de homem traiçoeiro, vil e infame, com a pratica de actos abjectos, baixos, indignos de um homem ainda do mais mesquinho caracter.

V. s.^a sr. padre Caetano e sr. Constantino, procuraram confundir o dia da morte do meu antecessor, com o dia da minha posse, e vem dizer manhosamente ao publico: «que no dia 17 de dezembro de 1861, foram tirados do cofre todos os dinheiros pertencentes ao sanctuario, tendo uma parte d'estes applicações determinadas, es-

quisei não lembrar da falsidade do atestado. Nunca disse, meus srs., que os dinheiros do sanctuario não estavam no cofre no dia da minha posse, o que disse, e sustento, é que no dia do fallecimento do meu antecessor (parece-me fora o dia 7 de dezembro de 1861) apparecera, no quarto do fallecido, esse dinheiro embrulhado em pés de meia e farrapos. Isto o sr. padre Caetano sabe-o muito bem, porque assistio á busca. O sr. reitor de Thaida sabe-o tambem, e muita outra gente. O mesmo sr. Constantino m'o confessou, queixando-se amargamente da grunhida que fazia atrás d'elle o sr. padre Caetano em quanto não appareceram para cima de 300.000 réis. Neguem isto se podem? Podem, podem; de tudo são capazes.

Vamos á certidão do seu juramento, sr. Constantino.

O publico já era conhecedor d'elle, foi dinheiro mal gasto o da certidão. V. s.^a, na sua real saiguera, nem vio, nem ouviu diz r quem fora o roubador da urna? pobre innocente... O atestado do sr. Manoel Joaquim Alves Vieira, é verdadeiro, mas notem, que lhe foi pedido um falso porém a firmeza de caracter de s. s.^a repugnou-se a isso.

No fim d'esta correspondencia verão os leitores transcripta uma carta do sr. Domingos José Barbosa, em que declara o motivo porque incumbiram elle e mais dous amigos a direcção da capella do Menino entre os doutores, ao sr. Manoel Joaquim Alves Vieira.

Bem sei que esta carta ha de incomodar o sr. Constantino; são os fructos da sua imprudencia, mastigue-os como poder.

Venha o sr. Constantino. O sr. Constantino na sua correspondencia repete quasi as mesmas mentiras aleivozas, que mandara publicar na *Gazeta de Minho*; a isso, sr. redactor, já respondi no seu acreditado jornal, e confirmo novamente o que disse.

Agora vou responder só a algumas novidades que apparecem. Principio por dizer ao sr. Constantino que não acredito na sua declaração, em que diz que o governo civil do districto, não tivera parte nas suas calumnias.

Disse ao sr. Constantino que nunca me lembrei da pessoa de seu fallecido tio, e ainda hoje o repito.

Quando escrevi a correspondencia official não me lembrei da pessoa de seu fallecido tio, porem em resposta ás suas arguições tratei de mostrar a verdade ao publico, e para isso foi-me necessario lançar mão do nome do meu antecessor; mas isso fil-o sómente quando não podia deixar de o fazer. E quem foi o provocador?

Mais duas perguntas: O tempo da administração de seu tio foi todo de caez e mingua? D'onde constam esses documentos da applicação do dinheiro que appareceu pela morte de seu tio? Foram inutilizados no acto da minha posse? por quem?

Appareceu livro particular com esses assentos? existe esse livro ainda que inutilizado? por quem foram assignadas as contas do tempo de seu tio? que declarações contem o mencionado livro?

Resta-me somente rectificar uma palavra da minha correspondencia antecedente. O sr. Constantino deu-se por offendido por lhe chamar testa de ferro: chama-se testa de ferro, em bom portuguez, áquelle individuo que assigna e se responsabilisa por qualquer escripto que não é seu; foi n'esse sentido que eu lhe chamei testa de ferro, e foi para, de alguma maneira, o desculpar, pois já o Divino Redemptor se havia de castigar a seus malfeitores, porque não sabiam o que faziam.

Esta era de amigo e não merecia ser calcada aos pés, mas se lhe não serve, deite-a fora.

Tambem sou obrigado a dizer-lhe que por enquanto não posso conceder-lhe os foros de homem intelligente.

Parece-me, sr. redactor, ter respondido a essa nojenta farçola, cujos representantes appareceram em publico sem estudarem o papel: ellesahi vão fugindo vergonhosamente apupados pelo rapazio, vendo fechar se-lhes na cara as portas de todos os homens serios.

Sou, sr. redactor, de v. etc.
Braga, 27 de março de 1866.

Padre Joaquim Baptista Vieira

Segue-se o documento a que se allude na correspondencia supra.

III.º sr.

S. s.^a já havia de ver no supplemento n.º 22 á *Gazeta do Minho* as calumniosas accusações que me fez o sr. Constantino Vieira de Castro: entre muitas outras parvoices falla em umas estatuas que representam o Menino entre os Doutores, e como v. s.^a foi um dos devotos que mais concorreu para as ditas estatuas e capella, pedia-lhe o favor de me dizer, n'esta mesma, quem foi o encarregado da dita obra e o motivo porque v. s.^{as} retiraram a gerencia ao meu antecessor.

Peço authorisação para fazer o uso que me convier da resposta de v. s.^a.

Sou de v. s.^a venerador e creado.

Braga 14 de março de 1866.

Padre Joaquim Baptista Vieira

III.º sr.

Em resposta á sua de 14 do corrente tenho a dizer-lhe que dei de esmola para a obra em que me falla no Porto

d'Ave a quantia de 210\$000 réis fortes, e meu fallecido compadre Domingos Antunes de Lemos Junior deu rs. 100\$000 tambem fortes, e meu visinho Antonio Gonçalves deu 50\$000 rs. cujas quantias juntas prefazem a quantia de 360\$000 rs. fortes, com cuja quantia pagamos a remoção do Calvario e a compra das estatuas do Passo do menino—entre os Doutores—e todas as mais despesas precisas para a edificação do dito Calvario e collocação das ditas imagens. Encarregamos a direcção e administração da dita obra ao muito zeloso e incansavel o ill.^{mo} sr. Manuel Joaquim Alves Vieira que tão religiosamente se prestou não só com o seu corpo, mas mesmo com os seus creados, carro e gado para trazer pedra que vinha de longe, tudo isto gratuito, sem que para a dita obra tivesse gerencia nem directa nem indirectamente o fallecido capellão o reverendo Domingos Vieira de Castro. Authoriso a v. s.^a o fazer o uso que quizer d'esta resposta.

Sou de v. s.^a attento venerador e creado.

Rocas 17 de março de 1866.

Domingos José Barbosa

P. S. Declaro tambem que o motivo de entregarmos a gerencia da capella e estatuas ao ill.^{mo} sr. Manuel Joaquim Alves Vieira foi pelas informações que tivemos da má direcção, que o fallecido capellão Domingos Veloso de Castro dava aos negocios do santuario.

Barbosa

EDITAL

Paulo de Mello Sampaio Freitas do Amaral, barão de Pombal de Riba Vizella, e presidente da camara municipal deste concelho de Guimarães.

FACO saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 40 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento da receita e despesa d'este concelho para o futuro anno economico de 1866 e 1867, pelo que convidado todos os cidadãos interessados, a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que tiverem por conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar este que será affixado nos lugares mais publicos do costume.

Guimarães 29 de março de 1866. — Eu, Joaquim Cardozo de Freitas, o subscrevi.

O Presidente

Barão de Pombal

(78)

FRANCISCO JOSÉ DE FREITAS ARANTES, sua esposa e filha, agradecem por este modo a todas as pessoas que tanto os penhoraram com provas d'amizade e estima na occasião do fallecimento de sua cunhada Maria Etigenia, e a todos protestam a sua eterna gratidão.

(77)

ALVIÇARAS

AO-SE alviçaras a quem entregar uma pulseira que se perdeu, no

domingo, nas ruas d'esta cidade. N'esta redacção, d z se quem é o dono.

NOTICIARIO

Tolices e mais tolices.—Façam praça, que vae passar a *Gazeta do Minho*.

1.^o—Conta ella que viu *uma ulcera a deitar postema*. Postema, diz o nosso dicionario, é um tumor etc. Uma ulcera a deitar postema é, pois, uma ulcera a deitar um tumor. Isto é aborto por força, ou asneira!

2.^o—Diz que na administração d'este concelho ha *gorduras* que podem alimentar ratitos e ratos. Das gorduras ainda não ouvimos fallar; dos ratos e mesmo das ratzanas que por lá andam temos ouvido fallar muita vez. Dizem que foram elles que roeram o papel em que devia lavrar-se o despacho do sr. Gaspar Falcão e que estiveram quasi a roer o diploma do sr. administrador. A *Gazeta*, que pelos modos, é gatarrão dos bons, offerece a s. ex.^a o seu auxilio para dar cabo da rataria. Estamos a ver o sr. José Falcão a fazer ligas a taes auxiliares e a dizer: «Os piratas, os Judas, os ratos, e pelcados, sei muito bem quem elles são. Os maganões! mesmo um elogio que qualquer me faça, põe-nos perros!»

3.^o—A *Gazeta* chama-nos n'uma parte *doutor Liborio*; n'outra parte diz que nem doutor Liborio somos. Então? em que ficamos? é bico ou cabeça?

4.^o—A folha religiosa traz muito na bocca a palavra: *viloes*; e não obstante declarou já a duas vozes, que se honrava com girar-lhe nas veias o *nobre* sangue d'artista. Ora entendamo-nos. No systema que actualmente nos rege (afóra o districto de Braga), não ha já a velha distincção entre villões e filhos-d'algo. No systema, que Deus haja, é uma heresia nobiliarchica chamar *nobre* ao sangue d'um *mechanico*. Se são rei-chegou, mau; se são democratas, peor. Digam-nos por uma vez o que são—em politica, que de resto já o sabemos de mais.

5.^o—Para esta damos a palavra á *Gazeta*. Beatos e beatas, apurac o ouvido. Falla a folha religiosa: «O que aquelle escriptor ignora é que ha n'um cantinho da sua patria uma *Santa Senhora* (sic!) chamada do Porto, que deixou (notem o verbo) enamorar-se do seu cofre um virtuoso capellão, a ponto de tornar-se reo dos mais feios delictos». A estes delictos chama-se mais abaixo *amores masculinos* (sic!)

Aqui temos a *Santa Senhora* do Porto (cousa, ao que se vê, burlesca) a *deixar* que os seus capellães commettam feios delictos e tenham *amores masculinos*!...

Agua benta n'elle, beatas! O demotou a creatura e fez d'este modelo de religião um modelo d'impiedade.

Attenção.—O publico começa a fazer juizos temerarios a respeito d'um processo de perfilhação que ha tempos foi remetido ao sr. governador civil de Braga, a requerimento d'um seu parente muito proximo, que á *fin* *força*, quer que o dito processo seja annullado, para encubrir certa filiação materna!

O publico começa já a suspeitar de tamanha demora, e reces que haja proposito em o fazer desaparecer, e tanto mais que o administrador substituto que então servia não consentiu, contra o uso, costume e praxe seguida que ficasse copia na administração d'este concelho!...

O publico sabe os grandes extorcos que se fizeram para rasgar certas folhas d'este processo, e os pedidos que houveram para que as testemunhas não jurassem a verdade do que sabiam sobre a tal filiação *materna*!...

O publico sabe que se fez jogo com o logar de administrador d'este concelho para se negar (como o sr. Couto negou) a um empregado probó e honrado que foi escrivão d'este processo, a defeza de infundadas accusações com que pretendiam manchar a sua reputação irreprehensivel e superior a toda a suspeição.

O publico sabe tudo isto e ainda mais algumas cousas, que a seu tempo serão publicadas, e por conseguinte extranha a demora do sr. visconde—em despachar o tal processo, e parece-lhe que anda aqui grande maroteira e tratantada, que não fica bem a um *cavalleiro portuguez*!

Nós estamos d'observação.

O publico deseja saber quem são os *immoraes* e os *corruptos*, e nós havemos de lhe fazer a vontade.

O tempora, ó mores.—Aos fidalgos arrumados davam os governos absolutistas d'outras éras. capitancias do Ultramar, tenças ou mosteiros, onde se recolhessem.

Hoje dão-se-lhes governos civis!

Lance-se os olhos pelos diversos districtos do reino, e encontrar-se-ha a rasão do nosso reparo, com raras e longaveis excepções.

A um patusco miguelista ouvimos nós dizer que eram os remorsos que flagellavam o sr. Aguiar por ter acabado com os conventos.

A verdade é que melhor teria sido a conservação dos Bernardos para não se cabir hoje n'esta censura.

Os povos é que vão soffrendo, sem terem culpa nos *deficits* de tão illustres senhores!

Festa das Dores.—Teve logar na igreja de S. Francisco d'esta cidade.

Como é de costume esteve pomposa. Pregou o sr. padre Sebastião da Costa Vieira Leite, que agradou muito, revelando cada vez mais os seus dozes oratorios.

Fallecimento.—Falleceu na manhã do dia 24, no Porto, onde residia, o sr. conde de Ferreira, um dos primeiros capitalistas d'aquella praça.

A sua grande fortuna, que está orçada em cerca de mil e quatrocentos contos, foi distribuida pelas suas disposições testamentarias d'um modo que bem significa a grandeza d'alma de que era dotado o illustre finado.

Entre muitos e diversas legados contam-se:—124:000:000 réis, destinados a construir e mobilar 120 eschololas primarias d'ambos os sexos, nas terras cabeças de concelho, todas por um mesmo risco, e não excedendo cada uma a despesa de 1:200:000.

—A um filho do sr. Sarafim Carneiro geraldés, digno escrivão de direito n'esta comarca, 1:000\$000.

—A um filho do sr. Antonio Vicente da graça, d'esta cidade 1:000\$000 réis.

E como não tinha herdeiros forçados deixou o remanescente de sua herança para a instituição e dotação d'um hospital d'alienados no Porto.

As muitas diversas quantias que ficaram distribuidos por suas disposições, montam a 650 contos.

Turbulencia.—No sabbado passado deram-se dentro dos muros d'esta cidade duas desordens entre lavradores feirantes, do que resultou ficaram algumas cabeças *com o verde aberto*!

Semana sancta.—O ceremonial da paixão de Christo foi feito este anno nesta cidade com a gravidade e

decôro, senão excede-te pelo menos igual ao dos mais annos.

A cerimonia das trevas teve logar na quinta feira, na insign e real collegiada d'esta cidade, concorrendo a ella bastante gente.

No dia seguinte abriram-se todos os templos desta cidade armados em extrema galla, e onde por entre centenas de luzes se expunha á visitação dos fieis o—Sancto Cordeiro de Deus, que remio os peccados do mundo.

Na sexta feira de manhã seguiu-se na real collegiada, a cerimonia do enterro.

A grave constructura do templo, a toada pungente dos sagrados canticos musica quasi toda repassada de inafavel melancolia, as vestes magestosas dos levitas e o aspecto solemnemente funebre de tudo o que ali serve a esta commovente cerimonia, dá-lhe um enredo de sublime tristeza, que enleva o espirito em suave adoração.

Pregou o reverendo padre José dos Santos, que discorreu pausada, paciente e detidamente pelos almargens das sagradas letras, exforçando-se por agradar ao piedoso auditorio.

Asim terminou esta solemnidade, eram pertó das duas horas da tarde.

À noite houve na mesma igreja o sermão da Soledade. Foi orador o sr. Clemente José de Mello, que foi escutado por numeroso auditorio. Não cabe em pequeno espaço a apreciação do modo como s. s.^a compoz a sua obra, e da impressão que ella fez n'um publico prevenido ácerca do engenho do referido orador.

Terminou finalmente o ceremonial da Paixão com o canto da Alleluia no sabbado e a festa da resurreição no domingo na mesma igreja da insigne e real Collegiada.

Balle de mascarar.—Teve logar hontem á noite no theatro de D. Affonso Henriques o primeiro dos dois bailes de mascarar, previamente annunciados n'este jornal.

O dia extremamente feio e chuvoso, que fez hontem afrouxou d'algun modo a influencia, mas ainda assim a concurrencia de espectadores, como de mascarar não desanimou a empreza.

Dançou-se até pertó das duas horas da noite, concorrendo muito para a animação a bem afinada orchestra do sr. D. Jeronimo.

A walsa choreada do sr. D. Jeronimo agradou muito, e deu ao divertimento uma delectavel variedade.

O salão e interior do theatro estavam decorados com gosto e accio.

É de esperar que o baile do proximo domingo esteja mais concorrido, como é para desejar.

Noticias do Brazil.—O paquete, vindo dos portos do Brazil, e que chegou a Lisboa sabbado passado, traz noticias do imperio, que alcançam ate ao dia 11, e de Montevideo até ao dia 5.

Do theatro da guerra nada ha interessante a não ser a junção em Corrientes dos principaes generaes do exercito alliado, que com a chegada alli do almirante, visconde de Tamandaré, tratam de formular o plano de ataque contra os paraguayos.

Havia em Montevideo desconfianças de que officiaes, alguns prisioneiros do exercito paraguayoy, tentassem conspirar, fermentando a desordem na propria capital da republica inimiga.

As folhas d'aquelle paiz pedem a distribuição d'estes prisioneiros por lugares, onde seja menos incommodativa a sua reluctancia.

Continuam a chegar reforços para o exercito imperial. No dia 22 de fevereiro desembarcaram 55 peças de artilheria raiada.

Foi aberto o parlamento brasileiro. Foi dimittido o ministro da fazenda, e nomeado para o substituir um outro cavalleiro da mesma côr politica.

Faz-se desesperada opposição á direcção do «Banco do Brazil». Este espirito de desordem agrava o estado das finanças que tanto se tem querido convalescer.

Exposição Internacional.

Os expositores d'esta cidade a quem foram conferidas distincções pelos productos que expuseram, foram os seguintes:

Conde de Villa Pouca — medalha d'honra e de primeira classe — a primeira pelos vinhos da quinta da Ponte de Celleiros distinguindo-se o alvaralhão de 1840 — a segunda pelo vinho moscatel de 1863 da quinta de Villa Pouca.

— José Antonio d'Oliveira Guimarães — medalha de primeira classe — pela excellente qualidade de panos de linho.

— Condessa de Villa Pouca (D. Margarida) — medalha de segunda classe — pelos vinhos d'Aldão.

— Antonio José Ferreira Caldas — menção honrosa — pela qualidade de fructas secas.

— D. Joaquina Carolina — menção honrosa — pelos fructos de d. ee.

— Secretario da camara de Guimarães — menção honrosa, pela qualidade de lá, que expoz.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARCHIVO JURIDICO

Periodico mensal de noticias judicarias e legislacão de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR — J. L. DESOUSA

Publicou-se o numero 62.

ESPECTACULO

Theatro de D. Afonso Henriques

BALLET DE MASCARAS

Com grande orchestra e walses charcadas nos dias 2 e 8 d'abril

PRECO DOS CAMAROTES

Frente (avulso) 1800 réis
Por assignatura 35000
Lados (avulso) 1800
Por assignatura 25250
3.ª ordem

Frente (avulso) 13000
Por assignatura 18600
Lados (avulso) 8800
Por assignatura 15200

Plateia

Com mascara 120 réis
Sem 200

Os camarotes acham-se á venda na pharmacia do sebbias, na rua Capa-cira.

PRECO DA ASSIGNATURA

(Sem estampilla)
Por anno 234 réis.
semestre 122
folha avulsa 540

AGRADECIMENTO

QUERINO da Costa Vaz Vieira, seus irmãos, irmãs e cunhados vem por este modo agradecer a todos os ill. mos e ex. mos srs. e sr. as os obsequios, com que os penhoraram não só na enfermidade, mas no fallecimento de seu sempre lembrado sogro e paé Domingos da Costa Vaz Vieira e a todos protestam o maior reconhecimento (75)

ANNUNCIOS

JACINTHO José Antunes Lima, sollicitador de causas, encartado na cidade de Lisboa, com escritorio na rua de Cima do Socorro n.º 27, 1.º andar e residente no 2.º, accita de todas as provincias do reino, ilhas e ultramar procuracões para causas civis, crimes e commerciaes em 1.ª e 2.ª instancia e em grau de revista, recursos do conselho de estado, pendencias com todas as secretarias e repartições publicas, breves de nunciatura e Santa Sê de Roma, liquidacões de heranças dentro e fora do reino, cobrança de dividas á commissão, compra e venda de predios e papeis de credito, impres-timos no Banco Hypothecario, agencias e monedas e pontuaes. (76)

Vende-se a casa proxima á igreja do Carmo, completamente edificada de novo, com amplas acomodações para numerosa familia, bom quintal e epimas vistas. Trata-se com Joao de Oliveira Souza Guimarães, do terreiro da Misericordia, d'esta cidade. (72)

QUEM pertender a juza da lei, a quantia de 1358000, pertencentes á irmandade de Nossa Senhora do Ruzario, da freguezia de S. Torquato, fale com o thesoureiro da mesma irmandade. (36)

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

RUA DAS LAMELLAS N.º 4

A. A. S. Cardoso, retratista pintor, tira retratos por todos os systemas; desde a miniatura até ao tamanho natural, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde. (55)

QUEM quizer comprar um a morada de casas, com amplo quintal e agua, sita no logar do Assento, na freguezia de S. Torquato nas immedi-

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

(Com estampilla)
Por anno 280 réis.
semestre 1340
BRAZIL, pelos pag. por anno 530
semestre 2550
Por mayos de vela Porto ou Lisboa, por anno 2580

RESPONSAVEL — J. M. RIBEIRO. — Typographia VIMARANENSE

ções da estrada, que vae d'esta cidade, pode dividir-se a esta redacção, onde se lhe dirá quem é o seu proprietario. (53)

Campanhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro.

Deposito em casa de José Custodio Vieira — Praça do Toural n.º 3.

Tem á venda vinhos e garra-fados de todas as qualidades, bem como vinagre, geropige e agoardente. (28)

INJECCÃO E CAPSULAS VEGETAES AOMATICO

Novo tratamento preparado com as folhas de Matico, árvore do Peru, para a cura rapida e infallivel da Gonorrhoea sem receio algum da contracção do canal ou da inflamação dos intestinos. O celebre doutor Ricou, de Paris, ter reconhecido, desde sua applicação, ao emprego de qualquer outro tratamento. Emprega-se a Injecção no começo de fluxo; as capsulas em todos os casos chronicos inveterados, que resistiram ás preparações do copain, cubeba e ás injeccões com base metallica. Deposito em Paris, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

MUDANÇA DE BOTICA

PHARMACEUTICO. Antonio José Pereira Martins, faz sciente a todas as pessoas, que se quizerem utilisar dos seus services pharmaceuticos, que mudou a sua botica da rua de S. Damazo para a rua dos Trigueiros n.º 10, (vulgo Ponte da Varrella) acon-

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

Estes Medicamentos obtêm uma accitação e uma venda mais universaes do que qualquer outro remedio no mundo.
As Pilulas são o melhor purificante conhecido para o sangue, corrige todas as decorações do figado, e do estomago, e são igualmente efficazes nos casos de dysenteria; finalmente, como remedio de familia não tem rival.
O Unguento cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagns, ulceras (ainda que tenham vinte annos de existencia) e é um especifico infallivel contra as enfermidades cutaneas por mais malignas que sejam, taes como, lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções de pelle. Cada caixa de pilulas, e pote de unguento vão acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas.
As preparações de Holloway vendem-se em todos os paizes do mundo, (sem exceptuar Sino, China, India, as Ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia, e Turquia) e no nosso encontram-se em todas as principaes Boticas.

As Pilulas e o Unguento de Holloway se acham á venda em Lisboa, em casa de **NUVA BARRETO** 28, RUA DO LORETO E BARRAL E IRMÃO 126, RUA AUREA.

No Porto em casa de **MIGUEL J. DESOUSA FERREIRA**, RUA DA BAINHARIA, N.º 77 E 79, E DE **TOMAS BOWDEN**, N.º 4 RUA DE S FRANCISCO.

de se acha estabelecido com nova bo-

tem-se á venda moleto desinfectante do figado, de **HULLAN** do **Charentais** bem como todos os mais preparados estrangeiros. (29)

PHOSPHATO DE FERRO DE LERAS DOUTOR EM SCIENCIAS

Não existe medicamento ferruginoso tão notavel como o **Phosphato de Ferro de Lerat**; os summi dades medicas de mundo inteiro adoptaram-no com solitudine seja igual nos annos da sciencia. As cores pallidas, dores de estomago, digestões penosas, anemia, convalescencias difficil, idade critica nas senhoras, irregularidade na menstruação, pobreza do sangue, lymphatismo; são curados rapidamente ou modificados por esse excelente composto. É o conservador por excellencia da saude, e declarado superior nos hospitais e pelas academias a todos os ferruginos conhecidos, a todo reto ao **chlorato de ferro**, por que é o unico que convem aos estomagos de-lendos, que não provoca constipação, o unico tambem que não enegrece a bocca e os dentes.
Deposito em Paris, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

CONTRA A TOSSE

Xarope peitoral de James, unico legalmente authorisado pelo conselho de saude, ensaiado e approved nos hospitais de Lisboa, onde se faz grande uso, como unico tratamento de molestias tossicolosas.
Deposito em Guimarães, na pharmacia de **A. J. P. Martins**.

CALDOS PECTORAES

UTEIS no tratamento de todas as doencas, nas affecções caracteristicas de fraqueza geral e innação dos orgãos; augmentam consideravelmente as forcas dos individuos debilitados, excitando o appetite d'um modo extraordinario.
Deposito em Guimarães, na pharmacia de **A. J. P. Martins**.

Publicações litterarias serão annunciasdas e celebradas a redacção dois exemplares. Os primeiros seis mezes da assignatura são pagos adiantados.